

O MERO NÃO É UM MERO PEIXE

O PAPEL DAS FLORESTAS NA REGIÃO DOS AÇORES

TEN. COR. JOSÉ AGOSTINHO - UM AMIGO DA TERRA

EDITORIAL

VIDÁLIA

Vidália, o boletim da associação ecológica Amigos dos Açores / Associação Ecológica, pretende veicular e vincular as questões pelas quais esta organização regional se debate e empenha.

Nas suas páginas são abordados temas que focam e reflectem os problemas ecológicos que fazem perigar os ecossistemas das nossas ilhas.

É feita alusão às actividades levadas a cabo pelos elementos da associação, bem como às expedições e visitas de estudo realizadas.

Também o Núcleo de Ornitologia dos Amigos dos Açores/ Associação Ecológica - NOAA - dá conta dos progressos alcançados.

Em duas palavras, o Vidália é a voz da Terra, que encontra eco e é materializada nos seus amigos.

VIDÁLIA : O QUE É ?



Pequeno arbusto da família das Campanulaceae, a vidália (*Azorina vidalii*), assim chamada porque foi “descoberta” em 1842 pelo seu epónimo Capitão Vidal, da Royal Navy, cresce principalmente nas fendas das falésias costeiras bem como em vertentes arenosas e abruptas. Endemismo açórico, existe em todas as ilhas dos Açores, excepto Graciosa e Faial.

Espécie de alto valor ornamental tornou - se bastante popular em Inglaterra des-

de a sua introdução em 1850. Apesar de se encontrar em muitas localidades e por vezes em grande número, sobretudo nas ilhas do Pico, São Jorge, Flores e Corvo deverá, segundo Erik Sjogren, ser protegida nos seus locais naturais.

Todos os interessados em cultivar esta planta, uma das mais preciosas da Flora açoreana, deverão entrar em contacto com a nossa associação.

O MERO NÃO É ... UM MERO PEIXE

Legenda:

1 - Primeira barbatana dorsal

(possui raios espinhosos)

2 - Segunda barbatana dorsal

(em forma de leque)

3 - Duas barbatanas peitorais

4 - Duas barbatanas pélvicas

5 - Uma barbatana anal

6 - Uma barbatana caudal

(esta barbatana é arredondada nos adultos e truncada nas espécies jovens. Duas bandas na caudal, uma branca e outra negra interior, justapondo - se à primeira) .

Características:

Comprimento total - Até um metro

Peso - Até trinta kilogramas (outras espécies da Grande Barreira Australiana podem atingir cento e oitenta kg e 2,5 a 3 metros de comprimento total) .

Habitat - Fundos rochosos, tanto o da infra como dos circalitorais

(até 200 metros), visitantes das grutas e das cavidades

das orlas costeiras.

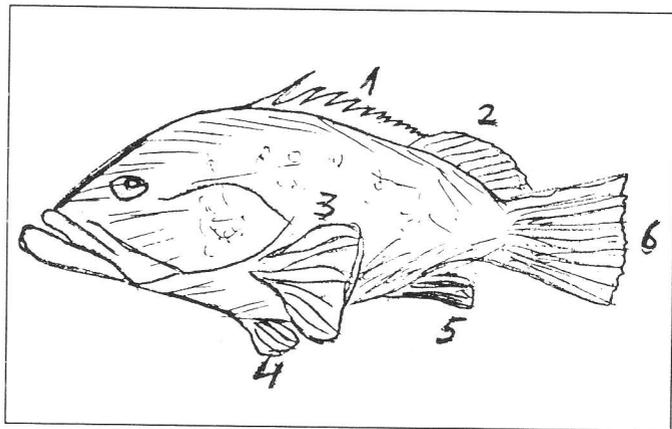
Alimentação - Regime carnívoro .

Ficha Técnica :

Reino - Animalia

Phylum - Chordata

Sub-Phylum - Vertebra



Ramo - Gnathostomata

Sub-Ramo - Pisces

Super-Classe - Osteichthyes

Classe - Actinopterygii

Sub-Classe - Teleostei

Ordem - Perciformes

Família - Serranidae

Espécie - Epinephelus guaza (L.)

igual a Serranus guaza (L.)

Outras características do Mero :

O Mero pertence a uma família de grande interesse económico já que nela se incluem espécies comestíveis como garoupas, chernes, bandejos, etc.

Bandejos - Epinephelus alexandrinus (Valenciennes) - e meros embora morfológicamente semelhantes aqueles, diferenciam - se pela cor (cinzento claro mosqueado de castanho ou então cor achocolatada), pelas bandas escuras (aparecem nos flancos e na região opercular ou quando estas

desaparecem, nos adultos, fica uma mancha amarela nos flancos) e ainda pelo contorno do bordo da barbatana caudal (arredondado nos jovens e côncavo nos adultos).

Mais que por meras características físicas, os meros distinguem - se pelo facto de terem hábitos sedentários e domesticação fácil. Na realidade, vêm comer à mão e seguem os mergulhadores fielmente. Jorge Prista demonstrou - o, superiormente, ao criar " amizade " com um destes peixes. Se por um lado a melhor homenagem à sua memória será a protecção incondicional e real a essa espécie, por outro, dava - se cumprimento ao decreto Legislativo

nº 5/83/A, de 11 de Março, legitimador (mais do que a razão moral invocada) da homografia do nosso título inicial.

José Contente

ESTUDO DA ENTOMOFAUNA DO PICO DA VARA

Com o objectivo de contribuir para o conhecimento do povoamento e distribuição dos coleópteros dos Açores em zonas naturais, decorreu na segunda semana de Agosto uma expedição ao Pico da Vara. Estiveram envolvidos no estudo dois elementos da Universidade dos Açores - Dep. de Ciências Agrárias, dois elementos da Direc-

ção dos Amigos dos Açores/ Associação Ecológica três jovens do programa OTLJ / 89.

A iniciativa foi apoiada pelo Instituto Nacional do Ambiente, Serviços Florestais, Câmara Municipal de Nordeste e Direcção Regional dos Assuntos Culturais - Casa da Cultura de Ponta Delgada.

OFERTA DE PLANTAS



Um valioso conjunto de plantas colhidas em diversas ilhas dos Açores foi oferecido aos AMIGOS DOS AÇORES pelo Dr. Gerald Le Grand. Com aquela colecção de plantas, classificadas por ele e con-

firmadas pelo Dr. Alfred Hansen, estão criadas as condições para a feitura de um herbário, iniciativa que irá completar o projecto de Jardim de Flora Indígena dos Açores.

NOAA

O Núcleo de Ornitologia dos Amigos dos Açores / Associação Ecológica neste verão tem intensificado as suas actividades, imprimindo - lhes nova dinâmica. Contando 14 elementos, levou a cabo no mês de Agosto duas visitas de

estudo, uma à Maia e outra Vila Franca do Campo com ida ao Ilhéu. Uma das pretensões do NOAA é ainda no mês de Dezembro participar num programa de intercâmbio juvenil europeu, por forma a conferir aos seus membros trocas de con-

hecimento com ornitólogos de outros países, com vista a um engrandecimento sempre crescente da investigação da fauna ornitológica açoriana.

ENDEREÇOS UTÉIS:

AMIGOS DOS AÇORES /
ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA
Apartado 29
9500 Ponta Delgada
Telef. 91774

FRANCISCO BOTELHO
Rua das Almas, 3
Pico da Pedra
9600 R. Grande

TEÓFILO BRAGA
R. Capitão Cordeiro
Pico da Pedra
9600 R. Grande
Telef. 91774

GEORGE HAYES
Telef. 31820

GUALTER CORDEIRO
Telef. 27245

NÚCLEO DE ORNITOLOGIA
a/c Marco Paulo Gomes
Telef. 26526

VISITA DE ESTUDO

Como forma de alertar e sensibilizar as camadas mais jovens para a importância do meio ambiente, realizou - se, no passado dia 3 de Junho, com o apoio da Direcção Regional da Juventude, uma visita de estudo à Reserva Natural da Lagoa do Fogo e Lombadas.

Antes da visita, o Dr. Vítor Hugo Forjaz proferiu uma mini-conferência acerca da geologia da Lagoa do Fogo e foi distribuído um desdobrável sobre aquela Reserva Natural



AS FLORESTAS E O SEU PAPEL NA REGIÃO AÇORES (2)

A FLORESTA

As florestas são, sem dúvida, o coberto mais importante da terra. Ocupando 40% da área terrestre, contém cerca de 90% da biomassa aí existente. A floresta é muito mais do que um conjunto de árvores para produção de madeiras, possui um largo impacto positivo nas áreas que reveste, e para além destas.

Constituindo o coberto climax potencial da maioria das regiões, apresenta-se como a estrutura ecológica de maior equilíbrio entre o ambiente físico e o biológico. Daqui, por um lado, a sua elevada estabilidade e resistência, autoperpetuando-se, sendo pouco sensível a distúrbios ou variações pontuais (como um ano particularmente seco, por exemplo), pois ela própria recria as condições edáficas que necessita e fomenta a evolução positiva do substrato.

Por outro lado, a elevada produtividade que a acompanha, aliado à criação consequente de numerosos habitats, leva a uma grande diversidade de organismos, sendo o suporte para uma cadeia equilibrada de seres vivos que, assentes na produtividade das árvores, faz funcionar o ecossistema. Uma floresta temperada da Europa, por exemplo, possui (por ha): 313 t. de árvores e arbustos e 2 t. de herbáceas que produzem actualmente 15 t. de folhas, ramos e raízes mortas, base para 0.3 t. de fungos e bactérias, 0.4 t. de invertebrados e 0.6 t. de minho-



cas; estes últimos, por sua vez são a base alimentar de animais como o javali (0.7 kg), toupeiras, salamandras, etc. Desta decomposição, o solo é anualmente enriquecido, numa adubação natural, com 129 kg de azoto, 12 kg de fosforo e 115 kg de potássio, para além de outras. As 4 t. de folhas e frutos verdes servem de sustento a um conjunto enorme de herbívoros, como insectos, aves (1,3 kg) e mamíferos, como o veado (1,2 kg).

No entanto, para que todo este biosistema funcione, numerosas substâncias têm de ser ciclizadas, representando uma actividade dinâmica e regularizadora, destes elementos físicos: libertam-se 15 t. de oxigénio por ano, sendo daqui o contributo mais importante para o enriquecimento da nossa atmosfera e para a já debilitada camada de ozono. A precipitação é repartida pelos vários subsistemas, passando desde as folhas, pelos troncos, húmos, solo, etc., causando um escorrimento superficial desprezível, o que evita a erosão e torna a chegada ao aquífero ou riacho contínua e regulada ao longo do

ano, anulando os efeitos das enxurradas ou secas.

De todo este processo, resulta um acréscimo de 8 t. de madeira utilizável.

Mas, para além deste benefício imediato, pode-se retirar a ilação que, de uma floresta muitos outros proveitos poderá o homem retirar, directa ou indirectamente, e que uma gestão correcta transforma-a numa fonte auto-renovável de múltiplos benefícios.

1. A purificação do ar, com a oxigenação, mas também com a despoluição.

Numerosos poluentes atmosféricos são arrastados para o solo (pelas chuvas, por exemplo). Neste, são transformados em substâncias inofensivas.

2. Reserva de forma de vida, com interesses imediatos paisagísticos e cinegéticos e potenciais, como banco de genes selvagens, base do melhoramento de espécies agrárias.

AS FLORESTAS E O SEU PAPEL NA REGIÃO AÇORES (2)

3. Regularização do ciclo de substâncias, muito particularmente da água. Tem sido reconhecido o papel eficaz - quando devidamente planeadas - da floresta na regularização das várias fases do ciclo da água.

É conhecida a impressão de que as florestas fazem aumentar a pluviosidade. Esse facto deve-se, em grande parte, à precipitação oculta, ou seja, à intersecção da humidade atmosférica e nevoeiros, transformando-os em água escorrente para o solo. A sua importância é tal que, por exemplo, a fertilidade e as culturas na ilha da Madeira dependem deste fenómeno. De facto, pobre em nascentes, a maior parte da água que dispõe é trazida pelas "levadas" da parte alta, onde as urzes arbóreas retiram dos nevoeiros o caudal utilizado na agricultura. Em certas zonas, a diferença da precipitação total de uma zona coberta por outra sem floresta é de 276.0 mm contra 36.1 m.

Nos Açores, uma fase fundamental do ciclo é regulada pelo coberto de musgos que, em altitude, revestem quase 100% dos troncos e solo, nas florestas espontâneas e nas de gestão equilibrada.

A sua capacidade de retenção de água vai até 10 L. para 1kg. de musgo, água queé, lentamente, cedida ao solo, permitindo assim eliminar a erosão e regular as reservas de água. Muitas das nascentes em altitude são directamente alimentadas por este armazém biológico de água.

Mas, além da quantidade, a espessa camada de solo florestal e o seu efeito tamponizante aumentam a capacidade da água, despoluindo-a e enriquecendo-a em minerais. Nos Estados Unidos, os técnicos de alguns Estados atribuem percentagens aos serviços prestados pelas florestas, nos termos de 86% de água potável, 6% de madeira, 2% de forragens e 6% ao turismo. Nos Açores, este problema é permanente e exige acções reguladoras eficientes. A destruição de florestas

equilibradas, em bacias de recepção de água, leva a um regime indesejável e a uma má qualidade das mesmas. Quer um quer outro acarretam gastos públicos, perca progressiva de pontos de água e graves consequências na saúde pública. A vegetação natural é a que, sem dúvida, melhor corresponde a estas exigências.

No entanto, quando tal não for aconselhável é importante a opção por coberto misto, com diversidade das espécies dominantes, evitando-se as de crescimento rápido.

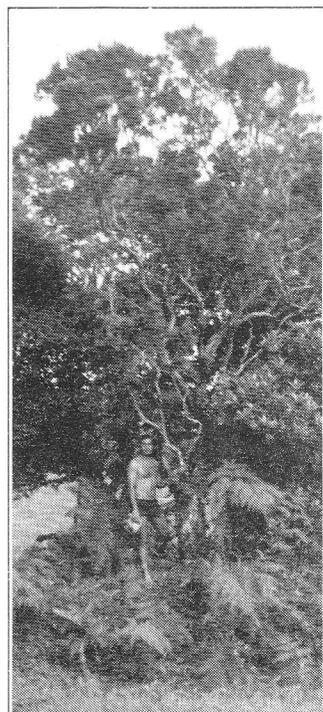
4. Da sua tolerância em relação ao substrato, a floresta torna-se o coberto mais aconselhável para solo de baixa capacidade, seja pela sua natureza incipiente, seja pelo declive. E só a floresta poderá contribuir para recuperar e enriquecer esses solos, tornando-os produtivos e melhorando-os progressivamente.

Infelizmente, muitos solos de aptidão florestal são forçados a outras produções, por vezes com injeções de adubo, que mais não criam do que uma momentânea produtividade, acelerando a esterilidade e o seu desaparecimento.

Em muitas zonas do país, estas orientações levaram ao rompimento do equilíbrio natural, eliminando a estrutura e propriedades do solo, degradando a sua fauna e criando condições para o avanço da desertificação. No Algarve, onde este processo já vai numa fase adiantada, iniciou-se uma batalha atroz para tentar bloqueá-lo.

Noutros locais tal não é possível e Porto Santo mantém-se como símbolo de que, nas ilhas, a desertificação também é possível.

Nos Açores a situação não é melhor e, em substituição de uma política de protecção total do solo, património não renovável, que pela juventude destas ilhas é verdadeiramente exiguo, assiste-se a uma intensificação da exploração máxima, com percas de toneladas de solo, directamente para o mar, na



passividade da crença que a rocha que a rocha também poderá produzir.

No Pico, por exemplo, uma ilha geologicamente jovem, pretende-se, à força, criar uma produção pecuária que os solos esqueléticos (quando existem), não poderão suportar, negando-se a sua vocação provada para a floresta que, praticamente, toda a ilha possui. Na Terceira, o coberto florestal distribui-se por cerca de 5.000ha de área florestada e 1.500ha de vegetação natural. No entanto a ilha possui mais 4.000ha que apenas deveriam suportar floresta, para além de 500ha com um coberto arbustivo degradado que poderá ser rentabilizado.

(continua)

EDUARDO DIAS
(ASSISTENTE DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES)

JOSÉ AGOSTINHO - UM AÇORIANO AMIGO DA TERRA

O Ten. Cor. José Agostinho, cujo centenário da morte ocorreu no mês de Março do passado ano de 1988, era um homem de renome internacional, que se interessava pela Natureza e sua conservação. Tendo publicado inúmeras obras, muitas das quais versando temática ambientalista, colaborou entusiasticamente com os Montanheiros, bem como com diversos organismos internacionais, e sempre no âmbito da espeleologia, vulcanologia e sismologia. José Agostinho foi fundador da Sociedade Francesa de Estudos Ornitológicos e presidente da Sociedade de Estudos Açorianos Afonso Chaves, estudou diversos fenó-



menos climatéricos e meteorológicos no arquipélago dos Açores, cabendo-lhe a honra de ver o seu nome consignado ao Observatório Meteorológico José Agostinho, em Angra do Heroísmo. Sempre receptivo para com todos aqueles a que ele se

dirigiam motivados pela defesa do meio ambiente, foi diversas vezes homenageado e distinguido com o Grande Oficialato da Ordem de Sant' lago da Espada, a Medalha de Ouro da cidade de Angra do Heroísmo, as ordens de Cristo e de Aviz, bem como o Grau de Cavaleiro da Torre e Espada e a Medalha de Bons Serviços.

São homens ilustres como o Ten. Coronel José Agostinho que engrandecem os Açores, enobrecem a pátria e contribuem em muito para o aprofundamento da ciência, interesse pela Natureza e sua compreensão.



DESAPARECEU UM GRANDE AMIGO DA TERRA

Humberto Manuel Furtado Costa, presidente do Conselho Fiscal dos AMIGOS DOS AÇORES ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA, deixou-nos fisicamente no dia 20 de Agosto de 1989. Este desde sempre grande amante da Natureza e da Vida, com apenas 38 anos de idade, viu-se repentinamente a braços com uma injusta doença incurável que em menos de 1 ano o venceu, perante a impotência e a dor de todos os Amigos da Terra, em especial daqueles com quem mais conviveu em inúmeras reuniões, passeios e visitas de estudo. Até à última hora preocupado e revoltado com a falta de consciência ecológica que por aí vai, o Humberto Costa era um profundo conhecedor de todos os cantos naturais da sua ilha de S. Miguel, aproveitando todos os seus tempos livres para explorá-la em longas caminhadas a pé. Era casado com a Sra. D. Maria do Rosário Melo Tavares Costa e deixa dois filhos menores — a Maria João, com 9 anos, e o Tiago, com 2 anos. Os AMIGOS DOS AÇORES / ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA recordá-lo-ão sempre com saudade e tudo farão para cumprir o seu desejo de fazer dos Açores uma terra onde o respeito pela Natureza e a vida seja uma realidade.

ERMIDA DE SÃO JOÃO - À ESPERA DE RECONSTRUÇÃO



" Entre quantas existiam em Vila Franca e a incúria dos homens deixou abandonadas, a ermida de S. João parece desafiar o tempo, mostrando a quem perto dela passa as suas velhas paredes e parece que pedindo a mãos generosas que a salvem da ruína total."

(in "A Crença" 3/3/85)

A cerca de 2 km de Vila Franca do Campo, a nascente da Ribeira Seca e a poucas dezenas de metros da Estrada Regional encontra-se, transformada num montão de pedras cobertas por um silvado, a ermida de S. João que tal como a de Santa Catarina, esta construída dentro da própria Vila, sobreviveu à destruição de Vila Franca pelo terramoto de 1522.

Anterior ao terramoto, "não se sabe quem a edificou, mas conta-se que no tempo dos primeiros povoamentos da

ilha, se atolara naquele sítio um nobre cavaleiro, que votara erigir um altar a São João, se de lá saísse a são e salvo, como aconteceu"(++). Pertenceu ao vínculo de Jorge da Mota, Cavaleiro do hábito de Aviz, pai de Petronilha da Mota, a primeira freira micaelense e condessa do Convento de Santo André.

Já em 1696 a ermida de São João necessitava de algumas reparações, em 1811 o Bispo D. José D'Azevedo concedeu o prazo de um ano para que fossem realizados alguns melhoramentos em várias ermidas, entre elas a de S. João, "findo o qual ano, se assim se não cumprir, se não poderá nelas mais celebrar o Santo Sacrifício nem dar-se culto público".

O último administrador do vínculo de Jorge da Mota, o Morgado Luis Francisco Rebelo Borges de Castro, após a lei de desamortização, ficou sem obrigação de aplicar rendi-

mentos na referida ermida. Esta foi deixada ao abandono e acabou por arruinar-se. Ligada à história do nosso povo e da antiga capital de S. Miguel, a ermida de São João bem merece que se gaste algum dinheiro na sua reconstrução. Em 1982, "A Crença" referia o interesse do actual proprietário do terreno em ceder o que fosse necessário à sua reedificação e que existiam pessoas interessadas em recolher fundos e mover influências para as obras de reconstrução da ermida. Onde estão essas pessoas? Que fizeram nesse sentido?

T. B.

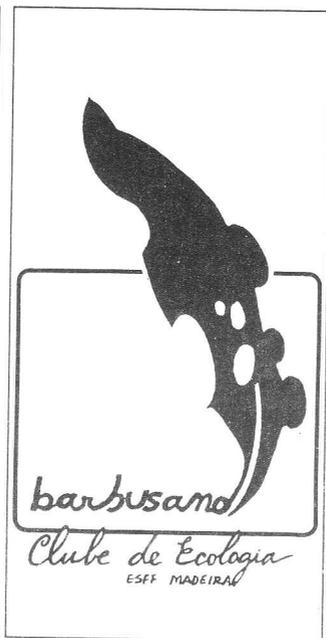
(++) História das Igrejas, Conventos e Ermidas Micaelenses; Urbano de Mendonça Dias

BARBUSANO PREOCUPADO COM A MADEIRA

No mês de Outubro do passado ano, formou-se no Funchal um clube denominado Barbusano, que é actualmente constituído por cerca de 400 alunos e 40 professores da Escola Secundária Francisco Franco. Este clube surgiu após uma série de diversas acções de âmbito ambiental, levadas a cabo por um grupo de professores de Geografia da referida escola.

Semanalmente, realiza o Barbusano, passeios a pé, com o principal objectivo de fomentar nos alunos e nos professores o interesse pela Fauna pela Flora e também pela Geologia daquele Arquipélago Madeirense.

O Barbusano, desde o seu início, não se tem mantido inativo, diversas tem sido as suas acções no sentido da preservação Ambiental, dando-se destaque para as Primeiras Jornadas de Educação Ambiental, realizadas no passado mês de Maio. Paralelamente a isto, desenvolve ainda o Barbusano, medidas que possam minorar a situação algo alarmante que se tende a alastrar no Arquipélago da Madeira. No que concerne a Ambiente, as principais preocupações são as elevadas taxas de poluição atmosférica e sonora, como consequência do contínuo aumento do parque auto-



mobilístico; o constante aumento das áreas plantadas com eucaliptos e a enorme expansão da zona turística, que arrasta consigo a perda irreparável de solos agrícolas. Estes são apenas alguns dos mais graves problemas que assolam a Madeira e contra os quais o Barbusano tem vindo a lutar. Mas esta não pode ser uma luta solitária, deve ser sim uma união entre todos, de modo a que possam ser mantidos todos os valores Ambientais do Arquipélago da Madeira.

PUBLICAÇÕES DISPONÍVEIS

Para além dos livros e revistas que poderão ser consultados na nossa biblioteca, enviaremos pelo correio a todos os interessados as seguintes publicações:

- Estado actual e perspectivas das energias renováveis nos Açores, Francisco M. S. Botelho (100\$00)

- Revista de Imprensa relativa ao ANO EUROPEU DO AMBIENTE (100\$00)

- Fauna do nosso Ambiente (3), O POLVO, José Contente (100\$00)

- Monografia do Pico da Pedra, Gilberto Bernardo (300\$00)

- Introdução ao estudo e observação das aves, Nuno Oliveira (200\$00)

- Alguns aspectos da intervenção humana na evolução da paisagem da Ilha de S. Miguel, José M. Moreira (750\$00)

Com excepção das duas últimas publicações, as restantes serão enviadas gratuitamente aos associados com as quotas em dia, bibliotecas, escolas e outras instituições sem fins lucrativos.

Contacto : Barbusano - Clube de Ecologia
Escola Secundária Francisco Franco
Avenida João de Deus
9000 FUNCHAL

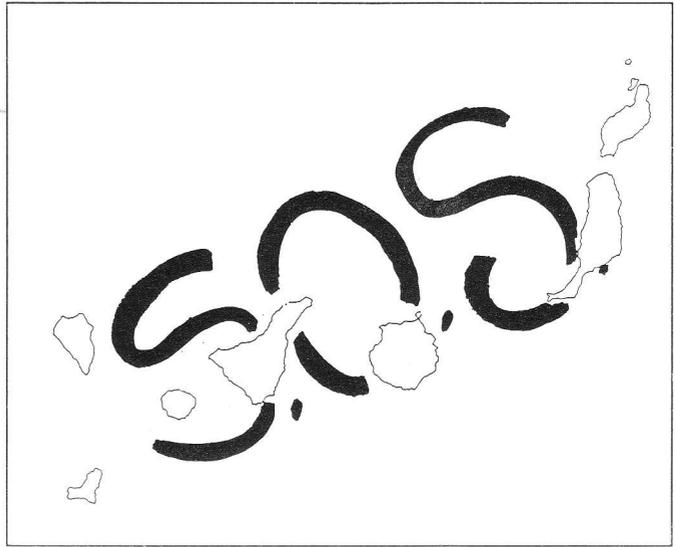
SALVAR AS CANÁRIAS

O território das Ilhas Canárias, vem sendo submetido a um processo de alteração e destruição dos seus espaços Naturais, dos recursos não Renováveis e limitados como o solo, a água, das espécies autóctonas e dos seus valores de identidade.

O Turismo, como nova MONOCULTURA, está a desarticular a economia, a vida social, e a agravar diariamente a dependência ao exterior a todos os níveis. A urbanização turística descontrolada está a converter as Ilhas em grandes manchas de cimento e betão.

A Economia caracteriza-se por um desenvolvimento centrado exclusivamente no sector Terciário, provocando um lento desaparecimento da agricultura, da pesca e da pecuária. Por outro lado, as novas Macrocentrais que irão ser instaladas, de modo a combater a carência excessiva de energia provocada pelo turismo, irão poluir o ambiente. Tal situação poderia ser evitada se as Energias Renováveis daquele Arquipélago fossem usadas. As Canárias são ricas em muitos tipos de energias renováveis, destacando-se a energia geotérmica, a energia das ondas e a eólica.

Os incêndios periódicos, a falta de planos de emergência ante catastro-



fes naturais, o excessivo aumento do parque automobilístico, o destino de um solo, só por si limitado, onde permaneça a presença militar, as condições de vida análogas às do Terceiro Mundo, sofridas por uma população amontoada em pequenos ghettos, que contrastam com o luxo das urbanizações turísticas, a permanente ameaça ante os detritos tóxicos e nucleares, lançados pelas grandes potências ao largo das costas Africana e do Atlântico Sul. Estes são os grandes problemas que ameaçam constantemente a natureza e a vida em geral das Ilhas Canárias.

O vértice de toda esta pirâmide é o Governo Autónomo, Governo que não cumpre, nem deixa cumprir, as leis vigentes em

matéria urbanística e meio ambiental, assistindo impassível a um sem número de infracções sem tomar qualquer posição.

Urge fazer algo para frear esta situação de destruição, que cada vez mais avança a passos largos. Se esta alarmante degradação continuar, iremos assistir em breve à perda de um valioso e irrecuperável espólio ambiental, por isso é cada vez mais premente salvar as Canárias.

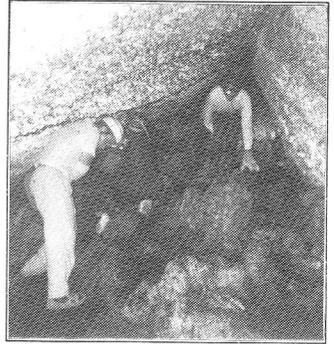
Contacto:

Tagoror ecologista
ACHINECH
Ap. 11.036-Sta.Cruz de
Tenerife
Islas Canarias

CIËNTISTAS ESTUDAM GRUTAS VULCÂNICAS

Uma missão científica das Universidades de Edimbourg (Escócia) e da La Laguna (Canárias) realizou nos Açores, no passado mês de Julho, investigações sobre a fauna e flora das grutas vulcânicas e das correntes de lava.

O projecto que contou com o apoio financeiro da National Geographic Society (USA) e a colaboração do Departamento de Ciências Agrárias da Universidade dos Açores, dos AMIGOS DOS AÇORES / ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA e dos Montanheiros estendeu-se pelas ilhas de S. Miguel, Pico, Faial e Graciosa.



MUSEU ARQUEOLÓGICO INDUSTRIAL

A Associação Arqueológica do Arquipélago dos Açores apresentou ao Governo Regional dos Açores um projecto de fundação de um

Museu Arqueológico Industrial na cidade de Ponta Delgada.

Com vista à criação do museu, aquela associação propõe-se proceder à inventariação de todas as actividades industriais desen-

volvidas durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

Contacto: Largo do Bom Despacho nº1, Arrifes
9500 PONTA DELGADA

AMEIJOAS DE S. JORGE PROTEGIDAS

Com a publicação do Decreto Legislativo Regional nº6 / 89 / A que cria a área ecológica especial da Caldeira do Santo Cristo, as ameijoas bem como toda a zona circundante da caldeira estão protegidas.

De cordo com a nova legislação, ficam sujeitas a regras específicas as seguintes actividades: trânsito, pesca e caça, captura de ameijoas, depósito de resíduos, produção de ruídos, introdução de espécies animais e botânicas, colheita de plantas e realização de obras.

APRENDENDO COM OS NOSSOS AVÓS

A JARROCA OU SERPENTINA (*Arum italicum*)

Apanha-se a soca em Abril e Maio. Lava-se muito bem e raspa-se toda com uma faca para lhe tirar a pele. Depois, moi-se num moinho de carne e deita-se a polpa num alguidar com água que se muda durante três dias. Em seguida, escorre-se e põe-se num tabuleiro até secar bem.

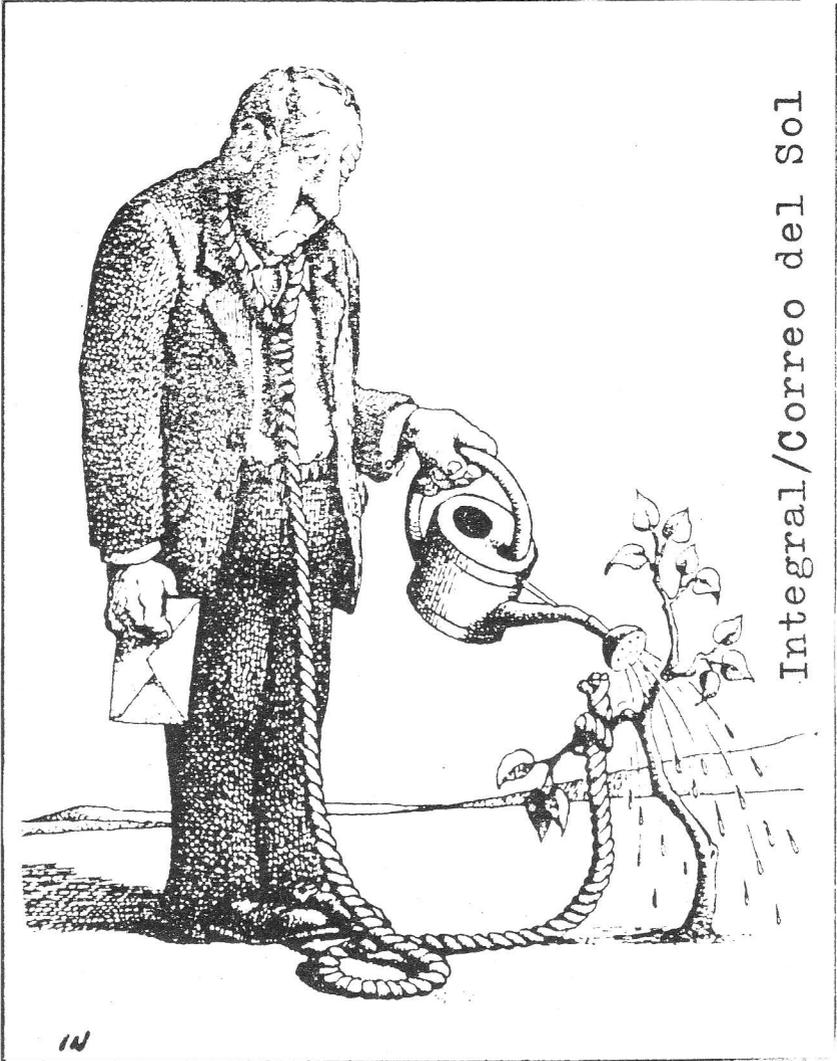
Fecha-se em latas esta farinha que serve para fazer papas.

É um bom remédio para a diarreia de pessoas e animais. Também serve para fazer goma. Para tal, dissolve-se, em água fria, a farinha de jarroca, junta-se água a ferver e, enquanto morna, molha-se a roupa que se põe a secar. Ainda húmida passa-se o ferro até enxugar.

Em tempos de fome, o povo ia pelos "biscoitos" e matas procurar soca de jarroca e soca de feto para fazer farinha com que preparava uma massa que era cozida em bolos, no tijolo.

(Informações recolhidas junto da família Raposo das Manadas, pelo Centro de Jovem Naturalistas - S.Jorge)

HUMOR



Apoiaram a Edição deste boletim:
CAMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE
CASA DA CULTURA DE PONTA DELGADA
DIRECÇÃO REGIONAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS